



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
LICENCIATURA INTEGRADA EM CIÊNCIAS MATEMÁTICA E LINGUAGENS

ANDRÉA QUEIROZ COSTA

FÓRUM DE ALFABETIZAÇÃO LEITURA E ESCRITA (FALE) FLOR DO GRÃO
PARÁ: NARRANDO HISTÓRIAS ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Belém - PA
2021

ANDRÉA QUEIROZ COSTA

FÓRUM DE ALFABETIZAÇÃO LEITURA E ESCRITA (FALE) FORL DO GRÃO
PARÁ: NARRANDO HISTÓRIAS ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciada Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Elizabeth Orofino Lucio.

Belém - PA
2021

ANDRÉA QUEIROZ COSTA

FÓRUM DE ALFABETIZAÇÃO LEITURA E ESCRITA (FALE) FLOR DO GRÃO
PARÁ: NARRANDO HISTÓRIAS ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
para obtenção de título do Curso de
Licenciatura Integrada em Ciências,
Matemática e Linguagens da UFPA.

Conceito Final:

Aprovado em: _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Professora Elizabeth Orofino Lucio (Orientadora)

Professora Vanessa Cristina Girroto
Centro de Educação e Ciências Humanas/UNIFAL

Professor Vagner Muniz de Andrade
PPGECM/UFPA

Professora Selma Costa Pena
Instituto de Ciências da Educação/UFPA

BELÉM-PARÁ
2021

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, amigos, marido e filhos, fontes da minha dedicação, a minha orientadora e amiga, meus colegas de turma, amigos de grupo de pesquisa que contribuíram para meu crescimento e aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu força, saúde e me acompanhou em todos os momentos.

Aos meus pais, Edimilson Lira de Queiroz e Ana Maria Santos de Queiroz, que me proporcionaram uma boa infância, exemplos de honestidade, de amor e de perseverança, que sempre sonharam com este momento, incentivando-me e apoiando-me em minhas escolhas;

Ao meu irmão Edimilson Lira de Queiroz Junior e minha irmã Ediane de Nazaré Santos de Queiroz, meus amigos e incentivadores de todo o meu desenvolvimento acadêmico.

A meu esposo, Cleyton Luis Rodrigues Costa, que me compreendeu quando eu estava ausente e me deu forças para continuar; meu companheiro e amigo amoroso, que estava sempre ao meu lado nos momentos de angústia e de alegria.

Aos meus filhos, André Luis Queiroz Costa, Lucas Queiroz Costa e Daniel Queiroz Costa, que sempre me incentivaram e me ajudaram nos momentos de dificuldades.

Aos meus colegas de turma que me apoiaram em todos os momentos, principalmente a Agatha Karolline Pontes e Miriane Miranda, companheiras de trabalhos e incentivadoras em todos os momentos da graduação.

A minha orientadora, Elizabeth Orofino Lucio exemplo admirável de comprometimento com a educação, que caminhou comigo, incentivando-me e guiando-me, disponível nos momentos mais importantes da minha graduação.

A todos e todas que acreditaram em mim e contribuíram direta ou indiretamente me dando forças para continuar. Meu muito obrigada.

*Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando.
Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago
e me indago. Pesquiso para constatar, constatando
intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso
para conhecer o que ainda não conheço e comunicar
ou anunciar a novidade.*

Paulo Freire

RESUMO

Esta monografia apresenta como principal objetivo analisar a narrativa dos convidados e participantes do Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita (FALE) Flor do Grão Pará, que foi meu objeto de pesquisa, durante o curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal do Pará, analiso também, minha trajetória acadêmica e meu encontro com o objeto de pesquisa. A metodologia aplicada foi uma pesquisa narrativa que me permitiu compreender os significados e as características do processo de alfabetização e refletir sobre as práticas docentes através de diferentes aplicações, apresentadas nos cinco Fóruns apresentados nesta monografia. Num primeiro momento apresento o Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita, como um espaço de formação inicial e continuada de ensino, a criação do FALE Flor do Grão Pará e meu encontro com a pesquisa. Num segundo momento apresento, narro e analiso os FALES ocorridos nos anos de 2018 e 2019, ressalta-se que foi possível refletir a prática docente sobre as diferentes técnicas aplicadas nos encontros e no cotidiano das aulas na universidade. Portanto é fundamental a discussão em espaços de formação inicial e continuada, que permitem e contribuem para a profissionalização docente.

Palavras-chave: Prática docente, Alfabetização, Licenciatura Integrada, Formação continuada.

ABSTRACT

The main objective of this monograph is to analyze the narrative of the guests and participants of the Reading and Writing Literacy Forum (FALE) Flor do Grão Pará, which was my research object, during the Integrated Degree in Science, Mathematics and Languages at the Federal University from Pará, I also analyze my academic trajectory and my encounter with the research object. The methodology applied was a narrative research that allowed me to understand the meanings and characteristics of the literacy process and reflect on teaching practices through different applications, presented in the five Forums presented in this monograph. At first, I present the Reading and Writing Literacy Forum, as a space for initial and continuing education, the creation of FALE Flor do Grão Pará and my encounter with research. In a second moment, I present, narrate and analyze the TALKS that occurred in the years 2018 and 2019, it is noteworthy that it was possible to reflect the teaching practice on the different techniques applied in meetings and in the daily life of classes at the university. Therefore, it is essential to discuss in spaces of initial and continuing education, which allow and contribute to teacher professionalization.

Keywords: Teaching practice, Literacy, Integrated Degree, Continuing Education.

LISTA DE FIGURAS/ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Convite da Oficina de Fotografia..... | 13 |
| Figura 2 – Palestrante da oficina de fotografia..... | 14 |
| Figura 3 – Cartaz do I Dia da Alfabetização..... | 15 |
| Figura 4 – Convite do I Dia da Alfabetização no site LASEA..... | 15 |
| Figura 5 – Divulgação dos palestrantes e lançamento Livro..... | 16 |
| Figura 6 – Convidados Palestrantes..... | 17 |
| Figura 7 – Auditório do I Dia da Alfabetização..... | 17 |
| Figura 8 – Professores participantes do I Dia da Alfabetização..... | 18 |
| Figura 9 – Convite da Exposição Fotográfica..... | 18 |
| Figura 10 – Apresentação musical dos alunos da Licenciatura Integrada..... | 18 |
| Figura 11 – Alunos da turma 2017 da Licenciatura Integrada..... | 19 |
| Figura 12 – I Reunião de criação da logomarca do FALE..... | 22 |
| Figura 13 – Logomarca do FALE Flor do Grão Pará..... | 23 |
| Figura 14 – Convite para I reunião do evento..... | 23 |
| Figura 15 – Espaço Troca-troca de livros..... | 26 |
| Figura 16 – Espaço Exposição de cartilhas..... | 26 |
| Figura 17 – Espaço Exposição de cartilhas..... | 26 |
| Figura 18 – Espaço fotos de alfabetizadores..... | 27 |
| Figura 19 – Espaço contar e ouvir histórias de professores..... | 27 |
| Figura 20 – Auditório I FALE..... | 28 |
| Figura 21 – Auditório II FALE..... | 28 |
| Figura 22 – Auditório III FALE..... | 28 |
| Figura 23 – Auditório III FALE..... | 29 |
| Figura 24 – Auditório IV FALE..... | 29 |
| Figura 25 – Cartaz do I FALE..... | 30 |
| Figura 26 – Crianças do Projeto Trovadores da Alegria..... | 31 |
| Figura 27 – Crianças do Projeto Trovadores da Alegria..... | 31 |
| Figura 28 – Cartaz II FALE..... | 39 |
| Figura 29 – Reportagem da greve dos caminhoneiros..... | 39 |
| Figura 30 – Professora Ana Carina..... | 40 |
| Figura 31 – Professora Ana Carina e seus alunos..... | 40 |
| Figura 32 – Aluno da professora Ana Carina..... | 41 |

| | |
|---|----|
| Figura 33 – Atividades do projeto de leitura..... | 42 |
| Figura 34 – Escrita da carta para Ana Maria Machado..... | 42 |
| Figura 35 – História sobre a autora..... | 42 |
| Figura 36 – Reconto da história trabalhada..... | 42 |
| Figura 37 – Professora Ludmila Thomé de Andrade..... | 43 |
| Figura 38 – Cartaz II FALE..... | 44 |
| Figura 39 – Materiais utilizados como recurso..... | 44 |
| Figura 40 – Cartaz IV FALE..... | 45 |
| Figura 41 – Cartaz do Festival Gastronômico..... | 46 |
| Figura 42 – Receita vencedora do Festival Gastronômico..... | 46 |
| Figura 43 – Cartaz V FALE..... | 49 |
| Figura 44 – Trabalho utilizado pela professora Larissa Mathias..... | 49 |
| Figura 45 – Cibercultura na atividade pedagógica..... | 50 |
| Figura 46 – Atividades da aluna..... | 50 |
| Figura 47 – Cibercultura como espaço educativa..... | 50 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1- Introdução: Uma breve história em Flor do Grão Pará..... | 11 |
| 2- Início da trajetória acadêmica..... | 12 |
| 3- O Laboratório Sertão das Águas como propulsor de pesquisas..... | 13 |
| 4- I Dia da Alfabetização..... | 14 |
| 5- Início no grupo de pesquisa..... | 19 |
| 6- Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita (FALE) Flor do Grão Pará..... | 21 |
| 7- I Reunião da criação da logomarca do FALE..... | 22 |
| 8- Metodologia da pesquisa narrativa..... | 24 |
| 9- Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita..... | 25 |
| 10- Apresentando e analisando os encontros..... | 29 |
| 10.1- I FALE..... | 29 |
| 10.2- IIFALE..... | 38 |
| 10.3- III FALE..... | 43 |
| 10.4- IV FALE..... | 45 |
| 10.5- V FALE..... | 48 |
| 11- Conclusão..... | 51 |
| 12- Referências..... | 52 |

Introdução: Uma breve história em Flor do Grão Pará...

Escrever sobre o Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita (FALE) Flor do Grão Pará é escrever sobre minha trajetória como discente pesquisadora na Universidade Federal do Pará (UFPA), no curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens, no Instituto de Educação, Matemática e Científica (IEMCI). Inicialmente, escolhi esse curso pela baixa concorrência na época, visto que as licenciaturas são pouco procuradas por não haver valorização do profissional, ausência de um salário digno e condições de trabalho adequadas.

A escolha também reitera meu real envolvimento e curiosidade pelos estudos sobre a alfabetização. Durante o ensino fundamental (antigo primeiro grau) e ensino médio (antigo segundo grau), meus estudos sempre me direcionaram para as aulas de língua portuguesa com maior envolvimento. A volta aos estudos está ligada a uma realização pessoal que estava adormecida, enquanto tinha optado por cuidar da família e dos filhos que precisavam de atendimento médico especializado. Com os filhos crescidos e prestes a entrarem na universidade, pude retomar e escolher em qual área poderia trabalhar.

Após ter terminado o ensino médio com 18 anos e ingressar na universidade aos 41, um grande desafio começava e a possibilidade de ter colegas mais jovens, alguns da idade ou mais jovens que meus filhos, me assustava. “Com o passar do tempo nos tornamos sujeitos de diferentes gerações, que juntos, modificam seus modos de pensar e ser” (HORA, CRUZ, 2019), uma certeza eu tinha, seria bem diferente dos tempos que havia estudado. Houve uma revolução tecnológica, nesse período, tão presente no cotidiano, será que eu seria aceita pelos mais jovens? Sim, fui “aceita” com muito carinho, respeito, paciência e logo me envolvi nesse meio tecnológico e jovem.

A Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens, um curso de abordagem interdisciplinar, incorpora em sua função a inserção de profissionais de formação diferenciada para as séries iniciais do ensino básico e vai além de trabalhar vários conceitos ou disciplinas, mas *como* “atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento, cabe pensar aspectos que envolvem a cultura do lugar onde se formam professores” (FAZENDA, 2008, p.17), com questões de cunho científico, que “teria como alicerce o cerne do conhecimento científico do ato de formar professores e social que busca o desdobramento dos saberes científicos

interdisciplinares às exigências sociais, políticas e econômicas” (FAZENDA, 2008, p.18). Voltado para a aprendizagem do professor com o aluno assim como vice-versa, um diálogo com mais significado, aguçando a curiosidade e o interesse pelo aprendizado das disciplinas.

Início da trajetória acadêmica

O cenário do espaço acadêmico me convidava a refletir sobre todas essas mudanças, que estava iniciando no ano de 2017. Tudo era novo, a graduação, os eventos, a dinâmica da academia, construções que nos constituiriam como futuros profissionais da área da educação.

Logo no primeiro semestre, tivemos contato com a professora Elizabeth Orofino Lucio, que passou a ministrar o Tema: Teoria e Prática da Alfabetização: Ensinando e Aprendendo a Ensinar a Ler e Escrever I, também era o primeiro semestre da professora Elizabeth na UFPA. Aula encontro (denominado pela professora Elizabeth), diz que a formação docente é um encontro de professores (LÚCIO, 2016, p.65), para isso tivemos como planejamento uma proposta multissemiótica: filmes, músicas, pinturas, fotografia e leituras literárias.

Todas essas propostas tiveram como objetivo mostrar a complexidade da alfabetização no século XXI, tais possibilidades envolveram movimentos interativos e instituintes com possibilidades de identificar elementos para uma nova construção pedagógica, tomando consciência de uma transformação na velha cultura escolar. O aluno e o professor como sujeitos de uma prática individual e coletiva que se renova a cada ano.

A professora Elizabeth Orofino, convidou os alunos da turma de 2017, para organizar e participar de um evento que problematizaria e conscientizaria para a importância da alfabetização na Região Norte, através de um encontro realizado para os profissionais da educação e a comunidade local, denominado Dia da Alfabetização, também seria como culminância para a finalização do tema da turma 2017. No primeiro semestre, a professora convocou democraticamente os alunos das turmas da Licenciatura Integrada para participarem de uma prova de seleção para bolsa de monitoria, do qual participei, mas não fui selecionada. Após, a mesma professora convidou aos participantes, da prova de seleção, para integrar junto com ela em laboratório de pesquisas que estava sendo implementado naquele ano, o Laboratório Sertão das Águas: alfabetização, leitura, escrita, literatura, cibercultura,

formação e trabalho docente, que teria em seu leque subprojetos que seriam desenvolvidos na UFPA.

O Laboratório Sertão das Águas como propulsor de pesquisas.

Ao iniciar os estudos no grupo de pesquisa, fomos informados sobre os projetos que seriam desenvolvidos pelo LASEA. As aulas, encontros de novos pesquisadores, aconteceram na UFPA, uma universidade que tem o Rio Guamá como vizinho e que banha várias ilhas da região, possui um bosque extenso, com várias espécies de vegetações da região. Durante os estudos, tivemos orientações sobre como ler um texto acadêmico. Uma abordagem diferenciada do ensino médio, ter atenção aos detalhes das teorias, nos posicionamentos dos autores, avaliar cada detalhe em busca do entendimento crítico. A compreensão dos assuntos debatidos servia de exemplo para a construção da escrita que logo viria a ser apresentada em eventos acadêmicos.

Para que o evento do Dia da Alfabetização fosse realizado, contamos com as orientações da professora Elizabeth em como realizar um evento acadêmico e sobre a produção de fotos autorais que seriam disponibilizadas para uma exposição fotográfica que marcaria o encontro do Dia da Alfabetização.

Com o objetivo de trabalhar a alfabetização através das múltiplas linguagens, a professora Elizabeth, preparou junto com o fotógrafo Flávio Contente, uma oficina de fotografias denominada “Fotografias: entre a sociobiodiversidade, a fotoetnografia e o fotojornalismo”. Uma oficina voltada para o uso das tecnologias para a produção das imagens que faríamos sobre as escritas nas cidades da região metropolitana de Belém e interiores.

Figura 1: Convite da oficina de fotografia



Fonte: Acervo LASEA, 2017.

Figura 2: Palestrante da Oficina de Fotografia



Fonte: Acervo LASEA, 2017.

A tecnologia influencia diretamente no cotidiano educacional, principalmente na universidade. Auxilia na comunicação, na produção de atividades e nos convida a pensar como trabalhar a interdisciplinaridade com a ajuda das tecnologias. Para isso vínhamos estudando sobre fotografia desde o primeiro semestre, foi incluído nesses estudos um vídeo sobre Sebastião Salgado, fotógrafo mundialmente premiado e respeitado.

A partir da pesquisa realizada pela professora “Achadouros da docência: a fotografia revela leituras e escritas em Belém do Pará”, foi realizado um workshop denominado “Fotografias: entre a sociobiodiversidade, a fotoetnografia e o fotojornalismo”, realizado no dia 06(seis) de junho de 2017. Na oficina tivemos uma breve história sobre a fotografia, conceitos sobre evolução fotográfica, tipos de câmera, preparação do lugar, o melhor ângulo da luz, elementos que possam influenciar na foto para compor a imagem. A oficina nos proporcionou conhecimentos básicos que nos permitiu estarmos aptos para realizar tal tarefa.

As imagens eram fontes privilegiadas de escrita, que estavam estampadas em muros, postes, calçadas e espaços abertos com acesso ao público. Após o registro das imagens, foram selecionadas duas de cada aluno, pelo fotógrafo Flávio Contente, para que pudessem ser expostas na exposição fotográfica, no evento do Dia da Alfabetização.

I Dia da Alfabetização

No segundo semestre, no ano de 2017, a turma estava preparada para organizar e participar do 1º Encontro do Dia da Alfabetização que teve como tema O(s) (im)pactos(s) da alfabetização em Belém do Grão Pará e a abertura da I Exposição Fotográfica do curso de Licenciatura Integrada, intitulada Ver-as-vidas do

Grão Pará em leituras e escritas. Ocorreu no dia 2 de setembro, no Auditório do Instituto de Ciências Biológicas-ICB, na UFPA, no período da manhã.

Figura 3: Cartaz do I Dia da Alfabetização



Fonte: Acervo LASEA, 2017.

As divulgações ocorreram através de convites às autoridades da área, técnicos, professores, redes sociais e site da UFPA. Inicialmente havia sido disponibilizado o auditório do IEMCI, que conta apenas com 75 lugares, devido a intensa procura o local foi alterado.

O evento abordou como tema o PNAIC - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, um programa criado no ano de 2012. Tem como eixo principal a formação continuada do professor alfabetizador, norteando sua prática com recursos metodológicos, dando ênfase na língua portuguesa, matemática e demais áreas de conhecimento de forma interdisciplinar. Auxiliando dessa forma no seu desenvolvimento profissional.

Figura 4: Convite do I Dia da Alfabetização no site do LASEA



Fonte: Acervo LASEA, 2017

Aconteceu gratuitamente por ser considerado de interesse público e atingir todas as camadas sociais. Apresentou o lançamento de o Livro Saberes Constituídos no Ciclo de Alfabetização: A Trajetória do PNAIC PARÁ/UFGA, com a presença de três autores para a divulgação.

Figura 5: Divulgação dos palestrantes e lançamento do livro



Fonte: Acervo LASEA, 2017.

O livro reúne vinte e quatro artigos de docente, gestores e coordenadores que contam experiências em sala de aula que proporcionaram aos alunos, momentos significativos de leitura e escrita, dentre os quais estão: “A rotina pedagógica como instrumento de gestão da sala de aula no ciclo de alfabetização da educação no campo”, dos orientadores de ensino de Parauapebas Edson Oliveira, Maria Arnete Bezerra e Rosinalva Alves dos Santos, e “Gêneros textuais e aprendizagens em uma perspectiva interdisciplinar no ciclo da alfabetização”, Edson Oliveira, que destaca:

“Os artigos foram produzidos a partir da necessidade de ressignificar a prática e gerar mudanças de atitudes pedagógicas para garantir a consolidação de direitos de aprendizagens imprescindíveis na educação municipal. É fundamental a transposição da teoria para a prática por meio de estratégias significativas”, que vê na publicação dos artigos uma conquista. (Fala de Edson Oliveira, 2017).

O tema abordado foi discutido através de uma roda de conversas com os importantes profissionais da área e da região: Alessandra Satiro Gouveia, Coordenadora Undime Pnaic do Ministério da Educação/2017. Domênico Miccione, Professor NPI-UFGA, Coordenador Adjunto Pnaic/UFGA. Elci Pulga, Professora Alfabetizadora SEMEC Belém. Jani Selma Miccione, Coordenadora Adjunta

Pnaic/UFPA. Rosana de Souza Manito, Coordenadora Estadual do Pnaic SEDUC/Belém do Pará. Sílvia Israel, Professora NPI-UFPA -Supervisora de Polo do Pnaic. Sônia Regina dos Santos Teixeira, Professora UFPA- ICED. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Teoria Histórico-Cultural, Infância e Educação Infantil na Amazônia. Terezinha Valim Oliver Gonçalves, Professora UFPA- IEMCI, Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas (TRANS)FORMAR.

Figura 6: Convidados palestrantes.



Fonte: acervo LASEA, 2017.

O objetivo do encontro foi discutir sobre os impactos do Plano Nacional na alfabetização da região, “nesse encontro, conversaremos sobre os limites e possibilidades efetuados pelo programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa/PNAIC em Belém do Pará e sua atual configuração, pois, no contexto nacional, a implementação desse Programa ocasionou um intenso movimento entre a Universidade, as Redes de Ensino Municipais e Estaduais e a Escola Básica nas ações de formação de professores do ensino básico” (fala da professora Elizabeth Orofino Lucio).

Figura 7: Auditório do I Dia da Alfabetização.



Fonte: acervo LASEA, 2017.

Figura 8: Professoras participantes do I Dia da Alfabetização



Fonte: acervo LASEA, 2017.

O evento contou também com uma programação cultural. Alguns alunos que organizavam o evento ensaiaram e encenaram uma peça. Após o término do evento como abertura da exposição fotográfica, também se apresentou a aluna Virginia Santos acompanhada de Eduardo Silva que apresentaram músicas de cantores paraenses. Após esse momento aconteceu uma homenagem aos professores que colaboraram com o evento. A exposição ficou aberta por uma semana para visitação pública no Espaço Mirante do Rio, na UFPA.

Figura 9: Convite da Exposição Fotográfica.



Fonte: acervo LASEA, 2017.

Figura 10: Apresentação musical dos alunos da Licenciatura Integrada.



Fonte: acervo LASEA, 2017.

Conforme citado, os alunos que participaram do I Dia da Alfabetização e da I Exposição Fotográfica são: Affonso Miller Trindade Maia (UFPA/IEMCI), Agatha Karolline Pontes (UFPA/IEMCI/LASEA), Aline Silva Oliveira (UFPA/IEMCI), Andréa Pantoja da Silva(UFPA/IEMCI), Andréa Queiroz Costa (UFPA/IEMCI/LASEA), Andressa Paiva (UFPA/IEMCI) Ana Carolina (UFPA/IEMCI), Ana Paula (UFPA/IEMCI), Ane Caroline Pinheiro Assunção (UFPA/IEMCI), Brenda Caroline Lopes de Souza (UFPA/IEMCI), Cristiane Macêdo (UFPA/IEMCI), Edson José Monteiro da Silva(UFPA/IEMCI), Gabriel Conceição (UFPA/IEMCI), Iara Sabrina Oliveira Almeida (UFPA), Jacqueline Ferreira Margalho (UFPA/IEMCI), Josiele Araujo (UFPA/IEMCI) Jonathan Rafael Silva da Silva (UFPA), Juliana Tocantins (UFPA/IEMCI), Karen Luana Viana Braga (UFPA/IEMCI), Luciane Naiane Araujo Neto (UFPA/IEMCI/LASEA), Lydia Saraiva Pinheiro (UFPA/IEMCI/LASEA), Marcos Willian Chaves (UFPA/IEMCI/LASEA), Michelly da Silva Fernandes (UFPA/IEMCI), Milena Pimentel (UFPA/IEMCI) Miriane dos Santos Miranda (UFPA/IEMCI/LASEA), Sergio Augusto Leal Rodrigues (UFPA/IEMCI), Samara Ferreira (UFPA/IEMCI), Sinaura Maria Viana Assunção (UFPA/IEMCI), Tarine do Rosário Lobato (UFPA/IEMCI), Thiago Moraes Machado (UFPA/IEMCI) e Virgínia Lima dos Santos (UFPA/IEMCI).

Figura 11: Alunos da turma 2017 da Licenciatura Integrada.



Fonte: acervo LASEA, 2017.

Início no grupo de pesquisa.

Diante de todo esse desafio, fui convidada para integrar como coordenadora em um dos projetos do LASEA, o Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita (FALE) Flor do Grão Pará, em conjunto com outras duas alunas da Licenciatura Integrada. Miriane dos Santos Miranda e Denise Teixeira, passamos a

ajudar a professora Elizabeth com a organização do evento. Um grande desafio, reunir professores (as), pesquisadores e profissionais ligados à educação para um encontro inovador, uma formação permanente e instituinte (SANCHES, 2014), uma formação que acontece através da partilha, do diálogo, da conversa, inquietudes e transformações. Professoras alfabetizadoras que narram e dialogam com uma plateia também com experiências vividas, experiências de ensinar a ler e escrever, experiências do cotidiano escolar.

O Fórum é um projeto com o objetivo de que os professores possam pensar e apresentar suas práticas pedagógicas e suas experiências nas escolas, eles são convidados a construir novos saberes e valorizar sua prática docente através de uma formação permanente e instituinte por meio de um diálogo entre profissionais da educação da rede básica de ensino e da universidade.

Existem Fóruns de Alfabetização em outros estados, firmes com o propósito de valorizar e narrar as experiências do cotidiano escolar. O Fórum é um projeto criado pela professora Carmen Sanches Sampaio, surgiu na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO), ligado à Rede Formação Docente: Narrativas e Experiências (Rede Formad) e à Red Iberoamericana de Maestros Y Maestras que Hacen Investigación y Innovación desde la Escuela. Há também no Rio de Janeiro o Fórum Estadual de Alfabetização do Rio de Janeiro (FEARJ),

O Fórum de Alfabetização de Angra dos Reis, O Fale/Angra foi criado em 2007, no Rio de Janeiro, e foi implementado em Angra em 2013, por meio de uma articulação entre a Gerência de Ensino Fundamental da Secretaria de Educação e a Unirio. No estado do Espírito Santo.

O Fórum Permanente em Alfabetização, Leitura e Escrita, no Espírito Santo, (Fopales), foi criado em 2008 no Centro de Educação da UFES.

O Fórum de Mato Grosso - FOMTALFA, criado em 05 de agosto de 2018, também firma o compromisso de discutir questões relacionadas com alfabetização.

No ano de 2017 foi realizado o I Fórum Nacional de Alfabetização (Fonalf) pela Associação Brasileira de Alfabetização (ABAlf) em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização, Leitura e Escrita do Espírito Santo (Nepales). Este evento reuniu os Fóruns de Alfabetização do país.

Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita (FALE) Flor do Grão Pará

O Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita (FALE) Flor do Grão Pará, do qual vamos tratar neste trabalho, é um projeto de ensino, pesquisa e extensão, coordenado pela Professora Elizabeth Orofino Lucio, no Instituto de Educação Matemática e Científica (IEMCI), na Universidade Federal do Pará (UFPA).

São encontros que reúnem professores, profissionais da educação da rede básica de ensino e professores da Universidade para um diálogo, narrando e compartilhando sobre as práticas presentes nas salas de aula, resultando assim em uma conversa com o público presente através de colocações, questionamentos presentes no cotidiano escolar e na formação docente.

Para SAMPAIO, RIBEIRO E MOARES (2014) o Fórum de Alfabetização busca apresentar uma formação permanente e instituinte para docentes, estudantes, coordenadores, gestores e profissionais ligados à educação. As práticas apresentadas nos encontros reforçam a urgência em repensar a alfabetização como um processo discursivo (SMOLKA, 2012) e dialógico. Os fóruns tem um papel importante para os estudantes das licenciaturas e pedagogia, pois são experiências que retratam o cotidiano da sala de aula.

Meu encontro com FALE se deu no primeiro semestre da graduação Houve uma convocação democrática para prova de seleção da bolsa de monitoria com a professora Elizabeth Orofino Lucio, recém-chegada de outro estado, concursada para a cadeira de Prática e Teoria da Alfabetização no IEMCI, a qual posteriormente fundou vários projetos.

O primeiro a ser implementado, iremos discutir nesse trabalho, o Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita Flor do Grão Pará, após a implementação do Clube de Leitura Tertúlias do Grão Pará com a finalidade de promover uma discussão em torno do tema com uma abordagem multisemiótica e interdisciplinar e em conjunto com o Clube de Leitura foi preparado um encontro com os escritores paraenses chamado Farinhada Literária.

O projeto Interloquções Interdisciplinares foi formulado em parceria com o projeto de extensão Ciclo de palestras Ciência, Cultura, História, Educação, coordenado pelos professores Carlos Aldemir Farias e Iran Abreu Mendes, ambos da UFPA, é um movimento interdisciplinar que envolve diferentes campos do conhecimento considerando os aspectos epistemológicos e pedagógicos. Por último,

o projeto GT Política do Livro e Leitura, como o nome diz, discute as políticas do livro e da leitura em âmbito nacional.

A alfabetização é um processo bastante importante para o desenvolvimento de qualquer criança, jovem, adulto ou idoso, desenvolvendo assim a capacidade de socialização e possibilita acesso a bens culturais e oportuniza ao indivíduo um pensamento crítico.

E para os professores que buscam conhecimentos sobre como alfabetizar, o Fórum de Alfabetização proporciona um diálogo formativo e seu desenvolvimento profissional é desafiado com exemplos de práticas que possam inovar sua história, se adaptar e se superar com as adversidades que podem ser encontradas no cotidiano escolar.

I Reunião da criação da logomarca do FALE

O FALE iniciou os preparativos para o primeiro encontro no dia 23 de fevereiro de 2018, com uma reunião para criação da logomarca que foi confeccionada pelo coletivo do Laboratório de Conservação, Restauração e Reabilitação (LACORE), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPA. Os alunos Giulia Gama Tobias Furtado (LACORE/UFPA) e MindiyraUaki Pimentel Freitas (LACORE/UFPA) foram os responsáveis pela criação da logomarca.

Figura 12: I reunião de criação da Logomarca do FALE.



Fonte: acervo LASEA, 2017.

O FALE FLOR DO GRÃO PARÁ estava sendo implementado na UFPA com o primeiro evento, e para isso precisava de uma marca. O encontro com o LACORE se deu quando, ao caminhar pelas dependências do IEMCI, a Professora Elizabeth Orofino, observou um cartaz com cores vibrantes, que remetia a nossa cultura. Ao saber que os criadores do cartaz eram estudantes do Curso de Arquitetura e

Urbanismo da UFPa, a professora entrou em contato com os integrantes que confeccionaram o cartaz anterior e expôs suas ideias para a logomarca do FALE. Após aceitarem o desafio, os responsáveis Giulia Gama Tobias Furtado e Mindiyrá Uaki Pimentel Freitas, contou o processo que os levaram a confecção da imagem, na primeira reunião de planejamento.

Figura 13: Logomarca do Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita Flor do Grão Pará



Fonte: acervo LASEA, 2017.

Como se trata da Flor do Grão Pará, os responsáveis pela criação da marca pesquisaram qual seria a flor do Grão Pará e chegou à conclusão de que não existe a flor, mas todas as flores que habitam na nossa região fazem parte da nossa cultura.

Figura 14: Convite para a I reunião de apresentação do Evento



Fonte: acervo LASEA, 2017.

Após a confecção, a logomarca e o projeto foram apresentados à direção, coordenação do Instituto de Educação Matemática e científica e ao coletivo de estudantes, e professores que participaram como organizadores do primeiro Fórum, que foram: Andrea Costa/ UFPa/ IEMCI - LASEA, Ariadne da Costa Contente / UFPa-IEMCI, Bianca Pantoja/ Escola Tenente Rêgo Barros, Daniele Dorotéia / UFPa/ IEMCI /ICED- INFANCE, Deborah Costa dos Santos / CMBel, Denise Letícia

UFPA / IEMCI - LASEA, Fábio Malcher/ Escola Tenente Rego Barros, Flávio Contente/ IARI FUTURA PRESS -Fotojornalismo / DRONE IMAGE, Giselle Ribeiro / UFPA- ICL, Isabel Lucena / UFPA-IEMCI, Isabela Portugal /UFPA- IEMCI, Jacinea de Almeida Guedes / UNAMA -CMBel, Jesuline Damasceno UFPA / IEMCI - LASEA - CALI, Joleni Bencid de Novaes Coutinho / SME/ Escola Municipal Ernestina Rodrigues, Maída Magalhães UFPA/IEMCI, Maria Lúcia Ferreira dos Santos /Escola de Aplicação da UFPA, Maria Cristina de Souza /SEDUC, Miriane dos Santos Miranda UFPA/ IEMCI - LASEA, Nair Vansiler/ SEDUC, Selma Pena / UFPA-ICED, Suelane Baía Freires Falcão/ CMBel, Simara de Aquino Dias Vianna / CMBel, Wagner Muniz de Andrade/UFPA - IEMCI /CMBel, Wilma de Nazaré Baia Coelho / UFPA- IEMCI, Wilkli Nunes Costa UFPA / IEMCI - LASEA. Durante a reunião foram traçados os caminhos para colocar em prática o primeiro Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita (FALE) Flor do Grão Pará.

Metodologia da pesquisa narrativa.

A coleta de dados da minha pesquisa se deu com a análise da fala das professoras, gravações e apresentações de ppts apresentados, realizada nos encontros que estiveram presentes em 5 FALES, ocorridos nos anos de 2018 e 2019, no período da manhã ou tarde, com duração de 4 horas.

Assim, o estudo analisado se constitui de uma pesquisa que narra minha inserção na universidade e nos projetos acadêmicos do Laboratório Sertão das Águas: alfabetização, leitura, escrita, literatura, formação e trabalho docente. A experiência pedagógica como narrativa, que me possibilita a reflexão sobre os temas propostos.

Devido a isto, esta pesquisa também está ligada diretamente as narrativas das professoras alfabetizadoras que estiveram presentes nos encontros narrando suas práticas alfabetizadoras, dessa maneira para Sampaio, Ribeiro e Moraes “a narrativa seria constitutiva do ser humano, o modo como interagimos com os

demais” (2014), estimula, nos encontros, os participantes a pensar e refletir sobre a profissão docente.

O FALE traz como metodologia apresentar as narrativas das professoras convidadas. Esse convite se dá ao final de cada encontro, após as reflexões e opiniões apresentadas ou questionadas, gerando assim um novo tema para apresentação de um novo encontro do Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita.

Excepcionalmente no primeiro FALE em 2018, as professoras foram convidadas pela professora Elizabeth Orofino, pois já conhecia o trabalho e as práticas pedagógicas que geraram o primeiro FALE.

Nessa perspectiva destaco abaixo pontos relevantes das falas das professoras e dos convidados(as) que estiveram presentes nos 5 FALES que ocorreram na UFPA, com temas que surgem a partir das reflexões, dos diálogos e com a partilha de experiências dos participantes em cada encontro.

Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita.

O Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita (FALE) Flor do Grão Pará, tem como metodologia o encontro entre a universidade e a escola básica, através de professores, estudantes, coordenadores, gestores e profissionais ligados a educação para um diálogo, uma conversa, as falas da escola básica apresentadas a comunidade acadêmica e social, através de práticas realizadas no cotidiano escolar e o professor universitário que apresenta sua pesquisa relacionada ao tema apresentado sobre a alfabetização.

Os encontros são abertos e gratuitos, os convites acontecem por meio das secretarias de educação, publicações nas redes sociais, contam com apresentações culturais e a aposta de *que o narrar e compartilhar a prática é importante no processo de (re)pensá-la e transformá-la.* (SAMPAIO, RIBEIRO E MORAES, 2014,

pg.121), refere-se a pensar coletivamente, compartilhar experiências e resultados que o levaram a abordar um fazer que fosse significativo para os alunos envolvidos,

uma experiência formativa não apenas para quem narra, porém também para quem ouve: estranhamo-nos na narrativa do outro, nos incomodamos, por reconhecimento ou distanciamento, mas somos muitas vezes atravessados. O encontro como abertura para o impensado. A provocação a que possamos nos colocar no lugar de pensar o pensamento (SAMPAIO, RIBEIRO E MORAES, 2014, pg.121).

Em conjunto com o FALE outdoors subprojetos estavam iniciando naquele momento e que estavam sempre presentes nos encontros. O troca-troca de Livros, que permitia que um participante trouxesse livros de literatura infanto-juvenil fossem trocados entre os participantes, assim a leitura poderia circular entre todos.

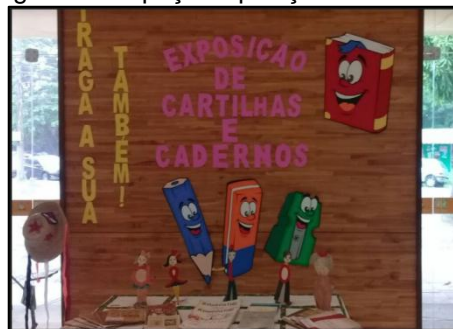
Figura 15: Espaço Troca-troca de livros



Fonte: acervo LASEA, 2017.

Outro subprojeto, a exposição de cartilhas, oferecia para os participantes uma exposição e demonstração de cartilhas que foram usadas durante os períodos escolares passados.

Figura 16: Espaço Exposição de Cartilhas



Fonte: acervo LASEA, 2017.

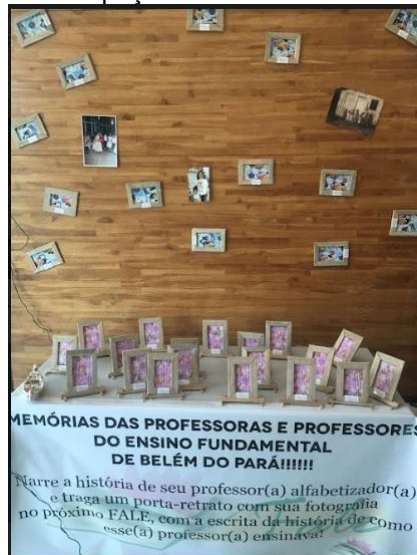
Figura 17: Exposição de Cartilhas



Fonte: acervo LASEA, 2017.

Exposição de fotos de professores(as) com seus alunos, como forma de homenagem a esses profissionais e um estande para ouvir e contar histórias de professores(as) alfabetizadores(as).

Figura 18: Espaço de fotos de Alfabetizadoras



Fonte: acervo LASEA, 2017.

Figura 19: Espaço Contar e ouvir história de professoras



Fonte: acervo LASEA, 2017.

De acordo com os dados, frequentaram em todos os encontros 2682 participantes (dados apurados de 5 encontros presenciais), presença predominantemente feminina, acima de 80% em todos os encontros. 1142 participantes no I FALE, 374 no II FALE, 263 no III FALE, 187 no IV FALE e 456 no V FALE.

Figura 20: Auditório I FALE



Fonte: acervo LASEA, 2017.

Figura 21: Auditório II FALE



Fonte: acervo LASEA, 2017.

Figura 22: Auditório III FALE



Fonte: acervo LASEA, 2017.

Figura 23: Auditório III FALE



Fonte: acervo LASEA, 2017.

Figura 24: Auditório IV FALE



Fonte: acervo LASEA, 2017.

Apresentando e analisando os encontros

- I FALE.

Realizado em 23 de março de 2018, o primeiro tema, intitulado “**É ISSO AÍ AÇÁÍ: O OURO NEGRO DA NOSSA TERRA - UMA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR.** Teve como convidadas: **Ivonete Pinho Gomes**, que atua como professora alfabetizadora no município de Igarapé – Miri (conhecida como a capital mundial do açaí) e a professora doutora **Carmem Sanches representante da UNIRIO/ REDE FORMAD.** Contou com a participação de 1155 inscitos, entre estudantes e profissionais da educação.

No primeiro evento do grupo LASEA e primeiro Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita (FALE) Flor do Grão Pará, os convidados foram recebidos pelos organizadores, com a apresentação do grupo de carimbó denominado Caldo de Turu. O carimbó é uma dança típica da região, que recebeu o título de Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil em 2014.

Figura 25: Cartaz do I FALE



Fonte: Acervo LASEA, 2017.

O título *Isso aí açaí: o ouro negro da nossa terra: uma prática interdisciplinar* faz referência a importância do alimento, açaí, na região em que a escola está localizada. É nesse contexto que a professora Ivonete Pinho traz para sua prática o conhecimento prévio de seus alunos, fazendo com que eles construam e/ou adquiram informações úteis na construção dos conceitos, dados e conhecimento de fatos, ajudando na compreensão dos assuntos trabalhados. Lúcio (2020) diz que “a complexidade de vivências e saberes dessa vasta região e que, com sua subjetividade, faz emergir em suas águas alfabetizadoras toda sua cultura vivida em sua cotidianidade”, mostrando a importância da prática alfabetizadora e conscientizadora da professora Ivonete Pinho.

Estiveram presentes também os alunos da escola municipal Ernestina Rodrigues, que participam do projeto lítero teatral “*Trovadores da Alegria*” que existe para fomentar as experiências com a literatura, o teatro e a poesia (SANTA BRÍGIDA, 2013) e representaram o elo entre alfabetização e literatura.

A literatura, a poesia, o teatro, a leitura e as artes, representam na infância da criança múltiplos benefícios que caminham e se desenvolvem até estar em um processo conjunto na alfabetização e formação do sujeito, com inúmeros benefícios para a criança.

Figura 26: Crianças do Projeto Trovadores da Alegria



Fonte: Acervo LASEA, 2017.

Figura 27: Crianças do Projeto Trovadores da Alegria



Fonte: Acervo LASEA, 2017.

No decorrer do curso de Licenciatura Integrada pude perceber que a alfabetização estava presente em todas as linguagens, de forma a observar nos eventos do FALE como os professores mediam as práticas alfabetizadoras foi fundamental na minha formação como professora e na formação dos educandos, capazes de transformá-la em conhecimento ao longo da vida.

A professora Ivonete Pinho Nunes, aluna do Programa Nacional de Formação de Professores da educação Básica (PARFOR), do curso de Licenciatura Integrada Ciências, Matemática e Linguagens para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Universidade Federal do Pará, e professora da Escola Municipal Santa Bárbara, em Igarapé-Miri, distante de Belém, capital paraense, cerca de 230 quilômetros.

Apresenta sua prática pedagógica realizada com os alunos do 3º ano do ensino fundamental, uma turma de 32 crianças com idades entre sete e oito anos. Ao analisar a experiência que teve com seus alunos, a professora traz como ponto importante, a escuta. Ao refletir que todas as respostas tinham em comum o fruto que dá apelido à cidade, “Capital Mundial do Açaí”, analisando a fala da professora

Ivonete, pude perceber que ela dá início ao diálogo, uma conversa para entender a importância do açaí na vida de cada criança. Abaixo destaco falas da professora Ivonete da sua apresentação no I FALE.

No primeiro momento, nós fizemos uma roda de conversa para falar sobre o trabalho anterior que eles tinham trazido para mim, porque, quando se falava em alimentação, o açaí era parte presente. E cada um deles, ali naquele momento, falou para mim o significado do açaí na alimentação. Uns, porém, diziam assim: “Tia, se não tiver açaí, eu não como! Não tem jeito, eu não como! Eu venho para escola até com fome, mas se não tiver açaí, eu não como.” Então, naquele momento, a gente passa a perceber, na sala de aula, o quanto é importante a questão da alimentação para eles e principalmente essa alimentação, o açaí. E, logo depois da nossa conversa, da fala deles, do registro deles sobre a questão do açaí, eu trouxe a lenda do açaí para a sala de aula, contei para eles a lenda do açaí (Fala da professora Ivonete Pinho).

A leitura e escrita desenvolvida nessa prática tem total relação com as experiências dessas crianças, nesse contexto continua a fala da professora:

No momento em que nós estávamos na roda de conversa, surgiu o questionamento: “você sabem a palmeira do açaí?” “Vocês sabem de onde o açaí... como é que o açaí chega? Como é que o açaí nasce? Vocês sabem?” alguns, porém, já sabiam e começavam: “sim, eu sei”. E eu tive um aluno que pouco falava na sala de aula, mas era muito observador. Ele disse para mim assim: “tia, tem uma árvore de açaí atrás da escola. Eu nunca tinha percebido a árvore de açaí. No momento que aquele aluno falou para mim sobre a árvore do açaí, eu o indaguei: “onde tem árvore de açaí?” “Embaixo da caixa d’água.” “Embaixo da caixa d’água, Jean?” “Sim, embaixo da caixa d’água tem uma árvore de açaí”. Eu meio que fiquei assim: trinta e dois alunos para sair da sala... a gente fica com meio que o pé atrás, é muita criança, como é que eu vou fazer? Fui à porta, dei uma olhada, avistei a coordenadora. Então, falei para ela assim: “Tem uma árvore de açaí embaixo da caixa d’água?” Ela respondeu: “Espere aí que eu vou ver” (nem ela sabia que tinha). Ela foi até a caixa d’água, deu uma volta e disse: “É, Ivonete, tem. Tem uma árvore de açaí lá”. Falei para ela: “Tinha como tu me acompanhares? Vamos ler essa lenda lá embaixo da árvore de açaí? Vai ficar uma coisa mais legal para eles.” Então, conversei com eles: “você precisam se comportar, que a outra turma está ali

trabalhando, e tudo mais”. Eles responderam: “Não, tia, a gente vai ficar caladinho”. E, assim, eles fizeram, fomos para debaixo dessa árvore de açaí, e lá eu li a lenda do açaí pra eles, com a qual eles ficaram encantados (idem).

No decorrer de sua apresentação, a professora demonstra que mobilizou os alunos a pensarem suas tradições, seu engajamento com um assunto corriqueiro do dia a dia, levantar hipóteses, promover discussões e conhecimentos antes desconhecidos, como a história do açaí, e como preservar uma palmeira tão importante para toda a região.

Então, assim, foi muito legal, porque a gente, além da lenda, também passou a conhecer a história da árvore de açaí, como a palmeira que estava ali embaixo da caixa d’água, isso sim foi maravilhoso para as crianças. Tia Mita, servidora da escola, contou que o nome dessa árvore aqui é persistência. Então, eu perguntei: “Sério!?” E ela disse: “É... essa árvore, já mandaram nivelar esse piso aqui, mas a ‘bichinha’ continuou aí, as crianças vêm fazer a educação física delas aqui e, por eles serem curiosos, acabam arrancando as folhas, ela morre e, nas férias, ela se fortalece de novo e, esperando o próximo período... Todo tempo é a mesma situação, até que, com certeza, ela vai atingir o nível ideal e vai sobreviver. Eles começaram a contar: “é o fulano que puxa”. “Não, é o fulano que puxa”. A gente passou a conversar sobre eles e cada vez que eles puxassem a folha da árvore, o que que iria acontecer, explicando que a árvore morria. Com o tempo, não teríamos mais aquela árvore de açaí ali e era a única que restava dentro da nossa escola, porém ela estava sendo agredida por nós, que éramos os alunos. Assim, eles passaram a se conscientizar e cuidar da árvore. Uma criança falou: “Se o açaí morrer, meu pai fica como?” (idem).

A professora apresenta em sua prática interdisciplinar uma situação que está além da integração com o conteúdo, mas também a integração com o conhecimento global das crianças sobre como é preparado, vendido, como chegar às mesas deles todos os dias. A interação entre os conteúdos disciplinares, como a matemática, pois o açaí, em nossa região, é vendido em litros, história do fruto que foi apresentado através da lenda que rodeia toda a cultura indígena. Para isso a professora teve o auxílio da comunidade com seus conhecimentos de plantio, colheita e comercialização do açaí, assim o professor se vê diante de uma postura de “atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento” (FAZENDA, 2008) não apenas pensar no currículo como uma junção de disciplinas, mas oferecer aos alunos um

conhecimento holístico sobre o alimento mais comentado em uma pesquisa de alimentação saudável.

Retornamos para a nossa sala e falamos sobre a economia do nosso município, porque o nosso município não é tão populoso. Nossa economia depende do açaí, isso foi discutido com as crianças na sala de aula, na medida do entendimento delas. Porém, os alunos eram de todas as classes sociais daquele município. Criança que já conhecia a pessoa que “debulhava” o açaí, criança em que o pai que era o “apanhador” do açaí, criança em que o pai “batia” o açaí, criança em que a mãe trabalha com o açaí “debulhando” ou indo acompanhar o pai na “tira” do açaí ou “batendo” o açaí pra venda.

Destacamos a palavra açaí. As crianças escreviam da maneira que elas achavam que era, algumas escreviam com “ss”, outras, porém, sem o “ç”. Então, fomos estudar a palavra açaí. Eu perguntei a elas: “Como se escreve o açaí? Vamos fazer a ‘dança das palavras’? O que que é a ‘dança das palavras’? É você descobrir que palavra você pode formar a partir da palavra, que seria a palavra açaí”. Então nós escrevemos a palavra, que é a curтинha; a dança foi bem pequenininha, surgiu só a “iaça” e “a”. Em razão do tamanho da palavra, eles encontraram só essas duas palavras dentro da palavra açaí.

Partindo desse ponto, eu pedi a eles que escrevessem frases com a palavra “açaí” e foram surgindo as produções: “açaí, o danone do miri”. A criatividade deles foi se apresentando em cada frase construída: “Eu não como sem açaí”- essa foi a frase que mais apareceu: de trinta e dois alunos, doze escreveram essa frase. “Gosto de roer o açaí com farinha e açúcar” – eu também gosto, isso foi uma coisa que eu disse assim “eu também gosto”, e eles ficaram encantados. “Fruto preto suculento” – eu me surpreendi com isso, porque eram alunos de terceiro ano, e eles usaram uma palavra pouco comum a seu vocabulário: “suculento”. E, quando eles escreveram “suco preto” e “suculento”, eu fiquei muito surpreendida, meus alunos já são top. “Se não tomar açaí, não é do miri” – essa é uma frase cultural de nossa Igarapé Miri e a gente usa muito: “se não tomar açaí, não é do miri”.

Uma pergunta que surgiu no início e a gente foi destacando, à medida que o trabalho ia acontecendo, foi: “Como o açaí chega a sua mesa?” A fala do aluno Rian, que era aquele menino que quase não falava na turma, era muito calado, muito tranquilo, foi: “tia, na sacola. Chega na sacola.” “Por quê? Por que que

chega na sacola?”. A explicação era porque o pai dele ia até ao local que bate o açaí e o traz na sacola, então, naquele momento, eu tive que aceitar essa resposta, porém, depois, eu teria que trabalhar com ele que o açaí não chegava na sacola, ele ia descobrir. Outro aluno, Jean, falou: “ele chega na rasa ou na basqueta”. Por meio dessas falas, eu pude perceber o conhecimento deles. O Jean era filho de quem batia o açaí, e o Rian era filho de quem só consumia o açaí. Dessa forma, Jean tinha um conhecimento sobre a questão do açaí muito melhor, pois ele sabia de onde o açaí vinha, como o açaí chegava, como ele era colhido, a forma como ele era batido, o que veio a contribuir para o entendimento dos colegas. Jean foi o aluno que eu coloquei como ajudante durante essas aulas, porque ele tinha um conhecimento muito grande, quando se falava em açaí, ele sabia e dominava, porque o pai dele trabalhava com aquilo.

A Descoberta! A fala do Paulo: “O papai trabalha com açaí. Tia, ele apanha.” Essa foi uma fala assim, ele se levantou e falou: “Tia, o papai trabalha com açaí, ele apanha.” E foi o questionamento das outras crianças: “ele apanha, ele apanha de cinto? De vassoura? De que que ele apanha?” Por quê? Porque, para o Paulo, aquela terminologia tinha um significado, porém, para os outros não, para os outros era uma coisa... apanhar é levar uma surra da mãe, que diz “já vais apanhar.” Então, para alguns, essa palavra representava outra coisa, mas, para o Paulo, apanhar seria subir na árvore de açaí e tirar o cacho lá de cima. Aí, teve a fala do Jean: “O papai trabalha com açaí, tia. Ele bate e eu ajudo ele.” O Jean foi o menino que me ajudou, como eu já disse, foi meu ajudante, porque ele tinha muito conhecimento sobre o açaí (idem).

Assim, a interação se dá através da escrita, da leitura e do diálogo, como exercício relatar as experiências e os conhecimentos sobre o açaí. Para Smolka (2012), “ganham força as funções interativa, instauradora e constituidora do conhecimento na/da escrita”. trabalhando a alfabetização discursiva, “a criança aprende a ouvir, a entender o outro pela leitura; aprende a falar, a dizer o que quer pela escrita”.

Então, partindo da palavra “apanhar,” nós passamos a estudar a terminologia da palavra. Claro que eu não coloquei terminologia da cultura do açaí, não, foi acontecendo, nós começamos a falar: “que palavras a gente usa quando a gente vai apanhar o açaí?” E foram surgindo as palavras, como: “apanhador” –

quem apanha o açaí é o apanhador. Eles usaram “rasas” e têm “baquetas” que carregam o açaí, que servem para carregar o açaí. Tem o “debulhador” – que vai para o mato para tirar o açaí do cacho. “Cacho de açaí”, “tuíra”, “chula”. Todas essas palavras, essas terminologias foram surgindo assim. “Quando a gente fala do açaí, o que vem na sua mente?” E cada um deles foi falando: “amassar”, “apanhar”, “batedor”, “debulhar”, “peconha”. Essa palavra surtiu, assim, um efeito muito grande, porque, como eu citei, a nossa escola, a escola em que eu trabalhava, ela era numa zona periférica e alguns alunos mequestionaram: “tia, peconha é o mesmo que maconha?”. Então, vejam só a saia justa que eu me meti. Então, eu disse: “não, peconha é um mecanismo que ele usa...” – eu tive que levar pra sala de aula no outro dia, a saca sarrapilheira e a própria folha do açaí pra fazer uma peconha, e nós confeccionamos a peconha lá pra eu dizer que “... era um instrumento que o apanhador usava para subir na árvore do açaí”. Então, foi uma palavra que ficou muito com eles: “boneca do açaí” e “vassoura do açaí”. Então, essa foi a pergunta orientadora dessa atividade: “quando se pergunta, o que vem a sua cabeça quando se fala a palavra açaí? O que que usamos para trazer o açaí?” E surgiram aquelas palavras lá e aquelas diversidades do açaí, então, nesse momento, nós falamos: “de que forma o açaí sofre uma transformação?” Então eles foram dizendo: “açaí preto”, “o açaí preto ele fica verde, maduro, paró, preto e o tuíra”, assim, nessa fase podemos colocar nessa forma esses cinco processos que o açaí passa, eles foram caracterizando cada um “verde, tia, é quando ele está maduro apenas com aquele brotinho verde. Maduro é quando ele está aquele verde bem consistente.” “E o que é paró?” É uma palavra muito desconhecida, mas para eles era muito conhecida, “o que é paró?” “É a mudança do açaí verde para o açaí preto, ele sofre aquela alteração, ele tá paró, aí depois ele fica preto, aí depois ele fica tuíra, e o tuíra”, eles falavam, “este tuíra que é o bom pra roer com a farinha e o açúcar”, “aí tem o açaí verde, ele fica maduro e fica verde”, e foi desse jeito que eles colocaram os processos de transformação e fui conduzindo para ciências. Depois o processo para venda em litros – nessa mesma sequência, nós estudamos matemática, falamos sobre litro, sobre medida de litros na sequência, e há vários tipos de açaí. As crianças falavam: “tem o grosso, tem o fino e tem a chula, tem os períodos do açaí”. Eles diziam assim: “E a chula?

Fulano toma chula. Ciclano toma chula.” E ficou meio que, assim, uma coisa descontrolada dentro da sala quando eles passaram a falar, mas eu ia conduzindo da maneira que podia. Variação de preço – sobre o tema variação de preço, a gente voltou a falar sobre economia do açaí. Na época, o açaí de R\$ 5,00 era o açaí grosso, eles diziam: “tem o açaí grosso que é de R\$ 5,00”, “tem o de R\$ 3,00 que é... assim... mais ou menos”, “e tem a chula, que é a de R\$ 2,00. Lá em casa a gente toma a chula”. Era assim que eles falavam, e íamos fazendo a relação medida, valor e preço. Depois nós estudamos sobre o calendário, o período da safra do açaí, que acontece de julho a novembro. É o período que a gente encontra muito açaí com preço menor. Acontece o festival do açaí, e muitas coisas referentes ao açaí. Então, nós estudamos o calendário, estudamos essas datas e que a safra do açaí é frequente no município. Falamos dos valores do açaí durante a safra, a quantidade que vem nos barcos, falamos sobre a qualidade do açaí, quando eles colocam sobre a questão do açaí preto, do açaí tuíra. Então, eles diziam: “não, tia, o tuíra vende mais, dá mais litros que o preto”. Então falamos muito sobre a qualidade do açaí e falamos sobre a lei da oferta e da procura. Falamos do período da safra, como explodia lá a R\$ 30,00. Na época, quando não tinha, ia pra R\$ 150,00. E nós começamos a transformar esses valores no quadro: “quanto é que custa um açaí quando tem? Ele fica mais barato. E quanto não tem? O valor dele triplica? Quadriplica?” Então a gente foi estudando isso, a lei da oferta e da procura, e fomos trabalhando a matemática de uma forma bem... bem ampla mesmo, que deu assim para perceber o conhecimento deles. Logo após, perguntei: “O que podemos fazer com o açaí?” Bom, aí foram surgindo receitas, a química e o gênero receita, e isso foi para uma tarefa de casa que eu pedi para eles copiarem e levarem. Foi uma pergunta que eu fiz, e eles levaram para casa, a mãe e o pai ajudaram. No outro dia, eles trouxeram. Receitas culinárias: Bolo de açaí, pudim de açaí, sorvete de açaí, shake de academia de açaí, mingau de açaí. Esses, porém, todos esses trouxeram mingau do açaí. Por quê? Porque o nosso município tem merenda regionalizada, então eles tomam, não são todos os dias, mas, uma vez por semana, tem o mingau de açaí na escola (idem).

Nessa proposta, fica claro o processo interdisciplinar e discursivo apresentado pela professora Ivonete Pinho, o elo entre os conhecimentos adquiridos na experiência de vida no cotidiano social que dialoga com o ensino proposto.

A professora Carmem Sanches apresentou questões acerca de concepções e práticas alfabetizadoras e como elas estão presentes no cotidiano escolar. pontua que seguir métodos com pouca significância para os alunos e para si enquanto professora não constroem uma alfabetização com sentido *tecida em redes de conhecimentos e significações que formamos e que nos formam*. (SANCHES, RIBEIRO E MORAES, 2017).

Trouxe para a apresentação, práticas alfabetizadoras que foram pesquisadas pela mesma, na turma da professora Ana Paula Venâncio. Ao demonstrar as práticas é observado como o processo da alfabetização deve ter autoria dos alunos e o texto como referência para ter significado.

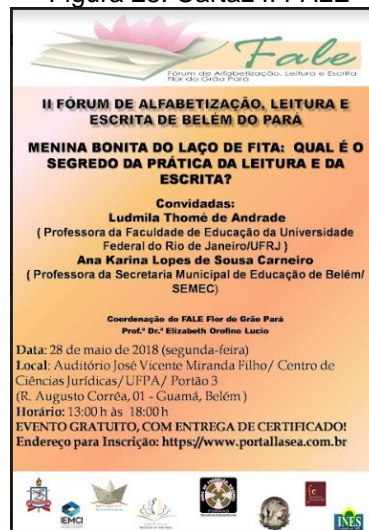
As diferentes situações podem ser formadas no momento que há em sala de aula alunos com diferentes conhecimentos, uns sabendo mais e outros menos, para o alfabetizador, tudo começa no olhar, na fala, na conversa, no cotidiano escolar, para isso o professor deve despertar em seu aluno o desejo, a vontade de ler.

Ao final do Fórum, quando o diálogo é aberto para o público, após as apresentações, questionamentos e perguntas são apresentados pelos participantes. O estudante de letras da Universidade Estadual do Pará (UEPA), que estava presente com sua turma, levantou um questionamento sobre a alfabetização de alunos surdos, o que gerou outros FALEs.

- **II FALE**

Realizado em 28 de maio de 2018, com o tema, intitulado “**MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA: QUAL É O SEGREDO DA PRÁTICA DA LEITURA E DA ESCRITA**”. Teve como convidadas: **Ana Carina Lopes de Souza Carneiro**, Professora da Secretaria Municipal de Educação de Belém e **Ludmila Thomé de Andrade**, Professora titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Realizado no Auditório José Vicente Miranda Filho, no Instituto de Ciências Jurídicas (ICJ), na Universidade Federal do Pará.

Figura 28: Cartaz II FALE



Fonte: Acervo LASEA, 2017.

A realização deste evento esteve abalada pelo momento histórico deste dia, que refletia um movimento de greve de caminhoneiros, uma paralisação que havia iniciado dia 21 de maio que avançava desde esse dia e seguia sem momento para finalização. Mas o encontro aconteceu com uma presença significativa de 262 participantes.

29: Reportagem da greve dos caminhoneiros



Fonte: G1 Pará

A temática do II FALE foi desenvolvida a partir do questionamento da professora Silvia Barros, presente no I FALE, ocorrido em março de 2018: “Nós precisamos fazer sim uma diferença no letramento e alfabetização dessas crianças, que nós fomos também daquele período, alfabetizada com cartilha, eu também. Mas nós sabemos que nosso tempo é outro, precisamos conquistar essas crianças para esse mundo de leitura e de escrita que seja contagiante, seja significativa para elas, que não fique por ficar, mas que sim, ele, essa criança possa lembrar que seja significativa”(questionamento da professora Silvia, I FALE)..

O tema do II FALE com a professora Ana Carina, da rede municipal de Belém e que estava no auditório, no FALE anterior, foi preparado a partir do questionamento que envolvia a leitura e a escrita através de uma leitura literária, denominada A menina bonita do laço de fita, da autora Ana Maria Machado.

Figura 30: Professora Ana Carina



Fonte: Acervo LASEA, 2017

No dia do evento, a professora Ana Carina, juntamente com seus alunos, fez uma breve demonstração de como trabalharam a obra em um projeto que pretendia trabalhar o respeito às diferenças e a valorização do diálogo.

Figura 31: Professora Ana Carina e seus Alunos



Fonte: Acervo LASEA, 2017

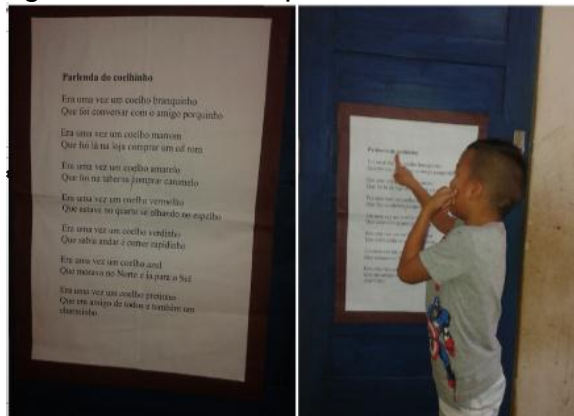
No palco do II FALE, as crianças apresentaram a prática desenvolvida através de uma roda de conversa, que é um lugar privilegiado de diálogo e ampliação de saberes, facilita também a socialização, promove a concentração, gera confronto de opiniões, uma vez que a professora pretendia resolver pequenos problemas de relacionamento interpessoal que estavam acontecendo em sala de aula.

As crianças, mais uma vez, foram protagonistas no II FALE, assumindo seu papel ao demonstrar junto com a professora como o projeto iniciou, que buscava desenvolver a autonomia, com a busca de informações sobre a autora e a construir seus próprios conhecimentos. Ajudou também a dinamizar as aulas com as ferramentas utilizadas pela professora, estimulando assim a criatividade melhorando a cooperação na sala de aula.

Iniciou com uma roda de conversa, investigando os conhecimentos prévios que eles continham sobre leitura e literatura. a prática desenvolveu para a exploração de outras leituras para então iniciar o projeto articulado para o desenvolvimento da leitura e da escrita, através do livro Menina Bonita do Laço de Fita de Ana Maria Machado.

A partir da leitura, a professora percebeu o interesse das crianças pelo texto escrito, bem como pela ilustração “A criança sempre ia lá passava o dedinho..., esse dedinho é muito significativo na educação infantil. compreende que aquilo que está ali, que escrito, que ela já entende, que é o jeito dela ler o que tá escrito...” (fala da professora Ana Carina). A professora parte da leitura para iniciar o contato com a escrita, sendo a escriba da turma, para uma produção final que seria enviar uma carta para a escritora do livro.

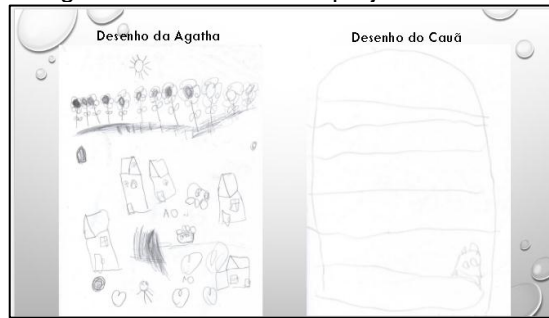
Figura 32: Aluno da professora Ana Carina



Fonte: Acervo LASEA, 2017

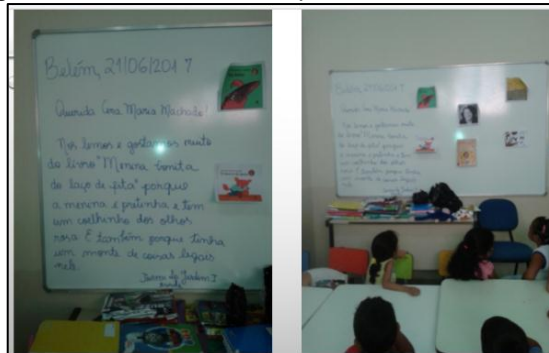
O projeto contou com uma sequência de: roda de conversa sobre o livro e sobre o que o livro tratava, reconto e releitura da história, produção textual individual, desenho individual, para então começar o texto coletivo que originaria uma carta para a escritora Ana Maria Machado.

Figura 33: Atividades do projeto de leitura



Fonte: Acervo LASEA, 2017.

Figura 34: Escrita da Carta para Ana Maria Machado



Fonte: Acervo LASEA, 2017.

Figura 35: Histórias sobre a autora



Fonte: Acervo LASEA, 2017

Figura 36: Reconto da história trabalhada



Fonte: Acervo LASEA, 2017.

A professora Ludmila Thomé de Andrade apresentou sua pesquisa sobre formação de professores. Compreende que essas concepções de formação evidenciam a necessidade de subsídios teóricos para o conhecimento a ser transmitidos e práticos para que o futuro educador consiga introduzir em sua sala de aula a leitura e a escrita, apresentando livros, deixando que manuseiem até mesmo recontar a história a partir de sua percepção, para as crianças é preciso que se aprenda ler e escrever, lendo e escrevendo, observando outros a lerem e escreverem, e não com atividades sem sentido e que não tenham a ver com o pretendido.

Figura 37: Professora Ludmila Thomé de Andrade



Fonte: Acervo LASEA, 2017

- **III FALE:**

Realizado em 26 de junho de 2018, intitulado **“POR UMA PEDAGOGIA DO GESTO: EXPERIÊNCIAS DE LEITURA E ESCRITA COM SURDOS E OUVINTES NO COTIDIANO”**. Teve a convidada a Professora Vera Lúcia Sousa de Oliveira, da Escola Municipal Joaquim Mendes Contente, da Rede Municipal de Educação de Abaetetuba. Trabalha na sala multifuncional atendendo alunos com surdez, deficiência auditiva e alunos com deficiência intelectual, com alunos da educação infantil ao 5º/9, de 3 a 12 anos, podendo chegar até 14 anos.

Figura 38: Cartaz III FALE

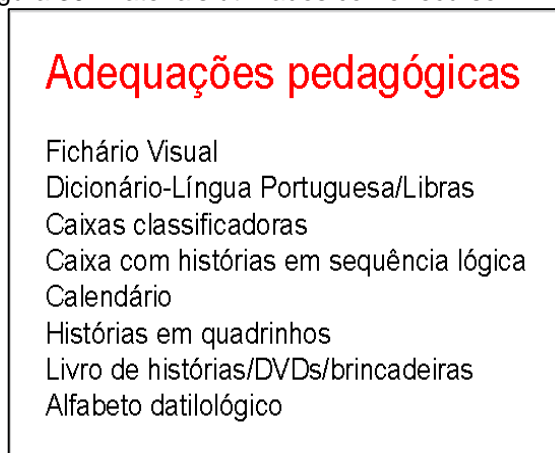


Fonte: Acervo LASEA, 2017.

O tema surgiu a partir de uma pergunta no I FALE, de um participante surdo que estava acompanhado de uma turma da Universidade Estadual do Pará, que consistia em saber como levar a alfabetização para alunos surdos, e deu a informação que seria interessante o uso de imagens.

A Professora Vera Lúcia, aborda na sua prática um processo de aprendizagem onde se desenvolve a habilidade de ler e escrever para todos os alunos e na perspectiva bilíngue de educação para surdos. São desenvolvidas também atividades de consciência fonológica e método fonoarticulatório. O atendimento educacional é realizado com grupos pequenos de alunos, máximo 5 alunos ou de forma individualizada, todos seguindo seu plano de desenvolvimento individualizado (PDI), usando as adequações pedagógicas citadas no quadro abaixo.

Figura 39: Materiais utilizados como recurso.



Fonte: Acervo LASEA, 2017.

A docente contempla seus alunos sempre com atividades práticas, experiências, jogos lúdicos, brincadeiras, construções com parte teórica e atividades

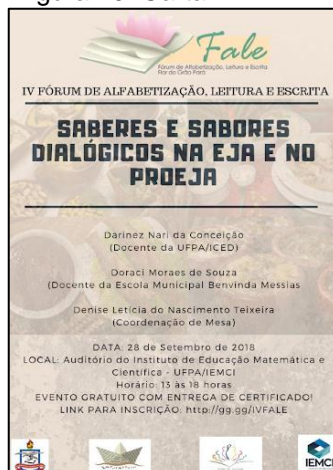
escritas. Ela nos apresentou o trabalho com a horta, que envolveu: conhecer as sementes associando com imagens, sinais, plantações, fizeram placas com os nomes das verduras e colocaram a mão na terra.

A pergunta do participante trouxe para o grupo do FALE a questão de pensar a alfabetização de surdos, a responsabilidade e a organização do tempo em sala de aula para alfabetizar esse aluno. “O surdo tece conhecimento e interage com o mundo de forma visual” (RIBEIRO, JANOARIO, 2019) para que esse ingresso aconteça a preparação da escola e dos docentes deve ser prioridade, assim como atividades discursivas com foco no texto, vivenciar práticas sociais, entre outros

- **IV-FALE:**

Realizado em 28 de setembro de 2018, intitulado “**SABERES E SABORES DIALÓGICOS NA EJA E NO PROEJA**”. Teve como convidadas: **Doracy Moraes de Souza**, que atua como professora alfabetizadora no município de Belém, na Escola Benvinda de França Messias e a Professora Doutora **Darinez de Lima Conceição ligada ao CUNCAST/UFPA**, no município de Castanhal, 75 km distante da capital paraense. O quarto encontro de 2018 aconteceu no dia 28 de setembro, no Auditório do Instituto de Educação Matemática e Científica (IEMCI), na Universidade Federal do Pará (UFPA). Teve como apresentação cultural um grupo de jovens senhoras dançando uma típica dança paraense, o carimbó.

Figura 40: Cartaz IV FALE.



Fonte: Acervo LASEA, 2017.

A professora Doracy desenvolveu um projeto de gastronomia com alunos do turno da noite do primeiro ciclo da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a partir daí

certa. o professor de EJA deve visar em sua prática o conjunto de atitudes e valores de seus alunos, bem como os conhecimentos que eles possuem. Para isso proporcionar propostas diferenciadas, desenvolver uma visão crítica da realidade e incentivar o diálogo.

“Tendo em vista considerar-se o docente como sujeito e autor do ato formativo e por entender a importância de trabalharmos considerando o mundo concreto” (SOUZA, 2019), o professor de EJA precisa ter formação e a capacidade de solidarizar-se com o educando, analisar que o seu papel vai além de ensinar, mas ser sensível aos saberes prévios de cada educando, sugerindo uma “educação libertadora” (FREIRE, 1982), contribuindo para o crescimento intelectual do aluno, para que possa exercer sua cidadania.

A professora Darinez, apresentou em sua pesquisa concepções de alfabetização em uma turma de EJA - Ensino Médio Integrado à Educação Profissional, do Campus do IFPA em Castanhal.

Trouxe como problematização, Quais concepções de práticas educativas moveram o desenvolvimento do Curso Técnico Agropecuário do PROEJA/IFPA - Castanhal (2009-2011). Com dados estatísticos de evasão em turmas de EJA no interior do Pará, mais precisamente no município de Igarapé – Miri e também na região de Bragança, locais onde realizou sua pesquisa.

Elegemos como *lócus* desta investigação o **Instituto de Educação Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)**, campus de Castanhal, e, dentre o universo dos Cursos realizados no interior desta Instituição, optamos por focarmo-nos no **Curso Técnico em Agropecuário Integrado ao Ensino Médio** (2009 a 2011), desenvolvido no Instituto através do Programa Nacional de Integração Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA). (slide de apresentação, professora Darinez Conceição).

A professora Darinez em sua pesquisa procurou desenvolver como se constitui o EJA no campo da Amazônia paraense, de que maneira o IFPA/Castanhal construiu a integração entre a Educação Básica e Educação Profissional, considerando as articulações com o contexto sócio-cultural dos educandos que vivem no campo e que integraram o PROEJA/IFPA-Castanhal (2009-2011).

Percebo que na prática apresentada pela professora Doracy e pesquisa da professora Darinez, a educação voltada para esses sujeitos deve ser repensada que não esteja voltada apenas para a idade dos participantes, mas pela realidade que

cada um se encontra, em que vive, trabalha ou o motivo pelo qual parou de estudar em um determinado momento, ou pelo fato de nem ter chegado a uma sala de aula, suas características socioculturais. portanto para a professora Darinez é preciso que: as práticas educativas na Educação de Jovens e Adultos quando são efetivadas com uma perspectiva dialógica, entendendo o educando enquanto protagonista do movimento educativo e relacionando as problematizações do contexto histórico-sócio-cultural dos envolvidos com os conhecimentos acadêmico-científico, fortalecem o movimento de reconceituação da EJA, construindo perspectivas que apostam na afirmação da educação como direito e na superação do caráter compensatório, supletivo, tecnicista e mercadológico que, historicamente, tem pautado a EJA, assim como a Educação do Campo e a Educação Profissional (DARINEZ,2016)

Com o convívio dentro dessa modalidade e a participação em formações para atuar na EJA, percebemos que a educação voltada para esse público deve ser pensada como um processo educacional específico, que não esteja apenas fundamentado na idade das pessoas participantes, mas sim por características socioculturais que apontam à necessidade de uma proposta político pedagógica diferenciada daquela que voltada para a criança do ensino fundamental regular.

Portanto, com a concretização desse trabalho, percebemos que a missão do educador é estar preparado teoricamente e ter uma prática pedagógica efetiva, para elaborar melhor as estratégias de intervenção junto às dificuldades apresentadas por seus alunos da EJA. Com esse diagnóstico, refletimos sobre sua responsabilidade em conceber uma prática individual, mas também coletiva, para assim buscar interferir e modificar a realidade desses sujeitos que passam a vida tentando se encaixar na sociedade.

- **V FALE:**

Realizado em 26 de abril de 2019, intitulado “**Professora! No seu celular tem ‘naruto’?**”: **alfabetização e Cibercultura** . Teve como convidadas: **Larissa Rodrigues Matias**, que no momento atuava como professora alfabetizadora no município de Belém, na Escola de aplicação da UFPA, participou também a aluna que fez a pergunta, **Sofia Campelo costa** e a Professora Doutora **Nazaré.....**,

Figura 45: Cibercultura na atividade pedagógica.

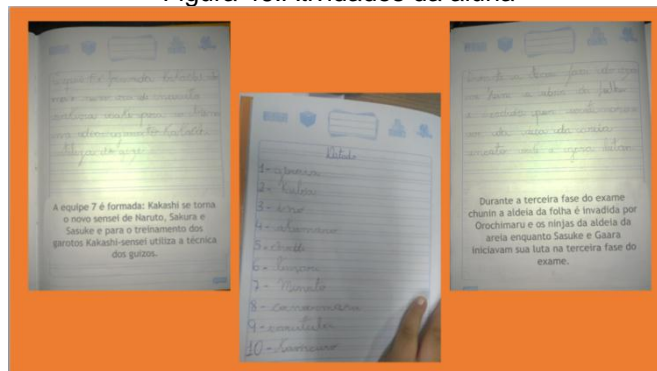
A cibercultura como prática alfabetizadora

No panorama da contemporaneidade, muitas tecnologias são utilizadas para possibilitar uma aprendizagem em que a criança “age como protagonista na escola para ocupar papéis de leitora e de escritora” (GOULART; SANTOS, 2017, p. 107), a utilização dos dispositivos tecnológicos são meios de linguagens que foram sendo incorporados com o intuito de serem viabilizados para uma prática que possa propiciar o consumo individualizado.

Fonte: Acervo LASEA, 2017.

A conexão entre as aulas e a cibercultura é uma possibilidade que se encontra presente em muitas escolas. São novas formas de trabalho, a facilidade do acesso aos meios de comunicação favorece com que recursos sejam utilizados pelos professores e alunos. Utilizar os recursos para desenvolver práticas, valorizar atitudes e modos de pensamento, são valores que se adquirem no cotidiano escolar.

Figura 46: Atividades da aluna



Fonte: Acervo LASEA, 2017.

Figura 47: Cibercultura como espaço educacional.

O *anime* Naruto se constitui dentro do contexto do ciberespaço como elemento que potencializa a comunicação em rede, criando interações entre leitura e escrita, sons e imagens de forma que esse processo de alfabetização irá permear todos os meios de ensino, uma vez que o trabalho da escrita e leitura das crianças começa a ser marcado pela realidade sociocultural dos indivíduos.

Fonte: Acervo LASEA, 2017.

É de fundamental importância utilizar de ferramentas para o desenvolvimento da leitura e da escrita de forma significativa para o desenvolvimento do aluno. A

professora Larissa percebeu na pergunta da aluna a importância daquele anime e a motivação que poderia ser indispensável para a aprendizagem. As atividades com o anime, proporcionaram para a aluna uma concepção holística da aprendizagem da língua escrita (SOARES, 2004), um elo entre o conteúdo e o cotidiano.

Conclusão

A construção desse trabalho permitiu-me refletir sobre a profissão docente, os saberes e fazeres do cotidiano escolar. Narrar e lembrar minha vivência acadêmica possibilitou-me a compreensão e reflexão de concepções acerca da potencialidade da pesquisa e da formação docente.

A partir desta perspectiva entendo que as narrativas são fundamentais para o crescimento pessoal e profissional, professores e professoras devem utilizar a intervenção de acordo com a necessidade de cada indivíduo, transformando o conhecimento em consciência crítica.

A interação proporciona ao educador apreciar a heterogeneidade e se tornar capaz de investigar sua própria prática, se tornar um professor pesquisador, ser flexível, saber analisar problemas e recriar meios de diferentes situações didáticas e pedagógicas.

Os encontros do FALE, se constituem em um espaço privilegiado de falas, de escutas, de experiências, vividas ou iniciais, nos desafiando a ter uma formação docente.

O FALE se constituiu desde 2018, em Belém do Pará, como um espaço de formação docente e instituinte, feito por professores e pesquisadores que se dedicam ao máximo pela pesquisa, para que professores alfabetizadores possam pesquisar e avaliar sua prática docente.

Há que se destacar a participação do Fórum na Rede Formad, que reúne e apresenta Fóruns de Alfabetização Leitura e Escrita em outras regiões brasileiras. Também apresentam o diálogo, a partilha de experiências, a cooperação e os pontos de vistas de seus participantes.

Finalmente acredito que há muito a pesquisar sobre o Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita e suas concepções, pois nesta pesquisa apresentei apenas uma

parte dos encontros realizados em Belém. Espero que os encontros em outros contextos possam ser narrados.

Referências

CONCEIÇÃO, D. de L., **PRÁTICAS EDUCATIVAS DIALÓGICAS COMO REFERÊNCIA PARA RECONCEITUAR A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: Estudo de uma experiência do PROEJA** no Instituto Federal do Pará/Campus de Castanhal. Tese de doutorado, 2016.

FAZENDA, I., **O Que é interdisciplinaridade?** — São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. FREIRE, P. e SHOR, I. **Medo e ousadia: cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

HORA, P., C., da, CRUZ, D., **A INTERGERAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS-EJA COMO POSSIBILIDADE DE PREVENÇÃO AOS MAUS TRATOS INTRAFAMILIAR CONTRA PESSOA IDOSA**. Revista Debates Insubmissos, Caruaru, PE. Brasil, Ano 2, v.2, nº 4. Edição Especial. 2019. ISSN: 2595-2803

IPHAN. Página Inicial. Disponível em:< <http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso 15 de set. de 2021. Em: Carimbó patrimônio imaterial do Brasil.

LUCIO, E. O. **A palavra conta, o discurso desvela: saberes docentes na formação continuada de professores de leitura e escrita**. Tese, 238 páginas, 2016.

Lucio, E. O. (2020). **TRANSVENDO A DOCÊNCIA NA ALFABETIZAÇÃO DAS ÁGUAS**. *Revista Brasileira De Alfabetização*, 1(9) <https://doi.org/10.47249/rba.2019.v1.338>

RIBEIRO, Tiago, JANOARIO Ricardo de Souza - **Por que ensurdecer a educação de surdos?**, Revista *Communitas* V3, N5(Jan/Jun–2019): Diferença e alteridade na educação de surdos.

SAMPAIO C.S., RIBEIRO, T., MORAIS, Jaqueline de Fátima dos Santos, **Formação Docente Instituinte: O Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita**. RevistAleph – ISSN 1807-6211, Dezembro 2014, Ano XI, Número 22.

SANTA BRÍGIDA, M. S. M., **Trovadores da Alegria: Poemas e Teatro para crianças na escola**. 2013.

SOUZA, D., **FESTIVAL GASTRONÔMICO: leitura de imagens e produção textual na Educação de Jovens e Adultos em Belém/PA, 2019**.

SMOLKA, Ana Luisa Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita – A alfabetização como processo discursivo**. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.